

Sobre o filicídio

uma introdução

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Sobre o filicídio

uma introdução

Giovana Borges

Ignácio A. Paim Filho



Editora Sulina

Copyright © Autores, 2017

Capa | Like Conteúdo – Obra original: *Medea*. Eugene Delacroix, 1838. Oil on canvas, Musée du Louvre, Paris. Obra renomeada: *Medea Furore*. Rosmari Bergoli da Luz. Psicanalista, membro pleno do CEPdePA e artista plástica. Fotografia da capa: João Geraldo Silveira, Studio Secreto.

Projeto Gráfico e editoração | Vânia Möller

Revisão | Vânia Möller

Revisão gráfica | Miriam Gress

Editor | Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

B732s Borges, Giovana

Sobre o filicídio: uma introdução / Giovana Borges e Ignácio
A. Paim Filho. -- Porto Alegre: Sulina, 2017.
189 p.

ISBN: 978-85-205-0797-1

1. Psicanálise. 2. Freud – Sistemas Psicanalíticos. 3. Filicídio
- Psicanálise. I. Paim Filho, Ignácio A. II. Título.

CDD: 150.195
616.891.4
CDU: 159.964.2

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim
Cep: 90.035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Outubro/2017}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente nesse ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância, e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever. Suprir a ignorância é transferir a escrita para depois, ou antes, torná-la impossível.

[Deleuze, 1974.]

Agradecimentos

O desafio de transformar nossas ideias ora expostas em artigos isolados, em capítulos, com a pretensão de estabelecer um fio associativo entre eles foi uma tarefa árdua, porém, gratificante. Revisitar os textos foi uma oportunidade de nos encontrarmos com velhos sentidos, e de criar e recriar novos significados: *imaginando que temos algo a dizer*.

Esse foi um dos fascínios do escrever, ou melhor, do reescrever essas narrativas agora na forma de um livro: possibilidade de nos vermos por outro vértice – analistas que escrevem sobre seu ofício, mobilizados pelas dissonâncias que a teoria e a clínica fazem verberar em nossas escutas.

O escrever que evoca o compromisso legado por Freud, que fez do seu exercício da escrita ferramenta fundamental para inserir a psicanálise no meio cultural. Tomando por premissa que todo o escrito, com sua perenidade, é um convite para o dialogar com o passado – o presente – o futuro – *na extremidade de nosso próprio saber*.

Nesse processo de construção contamos com a parceria de nossas análises, de nossos analisandos, supervisionandos e colegas de estudo. Com esse contexto foi possível suportar as angústias referentes ao nosso desejo de inventar, elaborar e configurar pensamentos que buscavam um pensador. Pensadores que aspiravam metamorfosear as imagens perceptivas em palavra escrita. Somos gratos a vocês.

Nosso agradecimento especial ao psicanalista Norberto Carlos Marucco, que nos apresentou, a partir de seus textos, as hipóteses iniciais a respeito do filicídio e suas repercussões no psiquismo, numa leitura freudiana “entre vírgulas”.

Para o Apparício e a Claudia, nossos companheiros de longa data, nossa gratidão pela cumplicidade e forma amorosa, algumas vezes silenciosa e muitas outras turbulenta, com que acompanham nossas aventuras na busca de nos fazermos psicanalistas.

Aos nossos filhos Gabriela e Leonardo; Gabriel e Augusto do nosso mais terno afeto, recheados de agradecimentos pelos ensinamentos e pela tolerância com os nossos limites como pais: no exercício dessa missão impossível – educar.

Ao Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, o CEPdePA, que promoveu nosso encontro, em 1991, como colegas de formação psicanalítica e albergou o início de uma longa amizade e parceria.

Por fim, a todos que nos acompanharam e instigaram para nos envolvermos com a transmissão da psicanálise – visando não *suprir a ignorância* – dedicamos esse escrito.

Na expectativa que tenham uma leitura prazerosa,

Giovana e Ignácio.

Sumário

PARTE I

- 12 | **Prólogo**
Norberto Carlos Marucco

PARTE II

APRESENTAÇÃO À GUIA DE ARGUMENTO

- 18 | **Filicídio: especulando ideias**
Giovana Borges e Ignácio A. Paim Filho

PARTE III – FUNDAMENTOS METAPSICOLÓGICOS

- 26 | **Capítulo 1 – Narcisismo: abertura e corte para uma metapsicologia das origens**
Ignácio A. Paim Filho

- 35 | **Capítulo 2 – Sobre o filicídio: uma introdução**
Giovana Borges e Ignácio A. Paim Filho

PARTE IV – FILICÍDIO: DESDOBRAMENTOS ENTRE A CLÍNICA E A CULTURA CLÍNICA

- 50 | **Capítulo 3 – A “via-sacra” do filicídio no processo analítico**
Giovana Borges e Ignácio A. Paim Filho
- 59 | **Capítulo 4 – A “via-sacra” do filicídio na formação analítica**
Giovana Borges e Ignácio A. Paim Filho
- 77 | **Capítulo 5 – Filicídio nosso de cada dia: estrutura, alienação e ato**
Grupo de estudo sobre o filicídio
- 92 | **Capítulo 6 – Encontro de gerações: Édipo de objeto do filicídio a sujeito do seu desejo**
Grupo de estudo sobre o filicídio
- 111 | **Capítulo 7 – O traumático hoje: o mais além da construção freudiana**
Giovana Borges e Ignácio A. Paim Filho
- 124 | **Capítulo 8 – A psicanálise hoje: escuta do vazio vs. escuta vazia**
Giovana Borges e Ignácio A. Paim Filho

PARTE V – CULTURA

- 136 | **Capítulo 9 – Dostoiévski e o parricídio: de Freud ao nosso tempo
(Uma releitura)**

Ignácio A. Paim Filho

- 155 | **Capítulo 10 – O real na sedução fantasiada e o irreal na sedução
não fantasiada (filicídio estruturante e o filicídio alienante)**

Ignácio A. Paim Filho

- 170 | **Capítulo 11 – Crack: uma pedra no caminho. Um filicídio
contemporâneo?**

Ignácio A. Paim Filho

PARTE VI

- 180 | **Pós-escrito
Ofício do analista e o exercício da escrita
(Do filicídio estruturante ao parricídio simbólico)**

Ignácio A. Paim Filho

PARTE I

Avante, coração! Sê insensível! Vamos! Por que tardamos tanto a consumir o crime fatal, terrível? Vai, minha mão detestável! Empunha a espada! Empunha-a! Vai pela porta que te encaminha a uma existência deplorável e não fraquejes! Não lumbres de todo o amor que lhes dedicas e que lhes deste a vida! Esquece por momentos de que são teus filhos, e depois chora, pois lhes queres tanto bem mas vais matá-los!

Ah! Como sou infeliz!

(Eurípedes, *Medeia*, 431 a.C.).

Prólogo

Norberto Carlos Marucco

É um prazer me reencontrar através deste prólogo com colegas aos quais me une uma relação que, partindo de um intercâmbio científico mutuamente enriquecedor no CEPdePA, originou um agradável afeto pessoal: Giovana Borges e Ignacio Paim Filho.

O título escolhido é – como dizem os autores – ousado, desafiador e, inclusive, “provocador”: *Sobre o filicídio: uma introdução*. Duas questões relevantes se vinculam com “inquietante familiaridade”: a história cultural que envia os filhos à guerra (destacada por muitos autores) e o papel que desempenham os desejos e poderes tanáticos parentais na estruturação do psiquismo.

Na Argentina, é justo mencionar os desenvolvimentos pioneiros que Arnaldo Rascovsky (1973) fez com relação a essa questão do sadismo paterno e cultural a partir da transcendência, que outorga a outro mito que constitui um relato unificador e presente na gênese das três religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo), quando menciona que Deus pede a Abraão que sacrifique o seu único filho homem, Isaac. Apenas quando o pai demonstra absoluta obediência, o sacrifício é interrompido. Também na mitologia greco-romana, Urano retém os seus filhos no seio da sua mãe, e Cronos, por sua vez, devora os seus primeiros cinco filhos. Com relação ao cristianismo, Jesus, o filho de Deus, revela o martirologio do filho crucificado. São incontáveis

mitos e histórias em que o ódio ao filho e o desejo de sua morte se faz presente. Filicídio e parricídio se entrelaçam no trânsito da natureza à cultura, e na noção do crime primordial. A própria cultura, do ponto de vista de Rascovsky, tem um viés filicida, e apenas o desenvolvimento de Eros permitiu atenuar a destrutividade e o sadismo inicial.

Em 1978 desenvolvi um conceito que chamei de *identificação primária passiva* para descrever o modo pelo qual o filho é investido pelos desejos parentais, constituindo um Eu ideal ao estilo como Freud enuncia em 1914: “a criança deverá ser o desejo irrealizado dos seus progenitores”. Constituiria, a partir daí, um Édipo que não é “aquele que manda”, mas que é mandado. Édipo impulsionado por Laio e Jocasta até o seu trágico destino. Desejos alienantes que orientam aquilo que Freud chamou de “neurose de destino”: uma estrutura que se produziria na infância, antes do surgimento da linguagem, em virtude da qual o sujeito fica alienado tanto por desejos eróticos, vitais, de amor, que provocam o surgimento do ideal do eu, como por desejos tanáticos, que poderíamos chamar “filicidas”. Como na encruzilhada de Delfos, tratar-se-ia de um *des-encontro* de gerações entre Laio e Édipo. Esse expediente em que Édipo é acusado de parricídio revela também a fonte pulsional do desejo incestuoso, que motiva a vida humana ao se desenvolver e se transformar em desejo exogâmico. O expediente pendente, que este livro tenta reabrir, é o que coloca sob suspeita a Laio e Jocasta, a esses poderes parentais em virtude dos quais o filho “é enviado” à morte por um pai impiedoso, e por uma mãe que incita a um desejo incestuoso perene e concreto, que instalaria em Édipo uma sombra mortífera, presa nessa compulsão repetitiva que transforma a vida em morte.

Serge Leclair (1975) destacou a importância de “matar a criança maravilhosa que de geração em geração é testemunha dos sonhos e desejos dos pais” para que possa nascer um novo Édipo dono da sua vida, mas a partir do reconhecimento da própria finitude e do horizonte da morte. Necessário luto de uma representação de plenitude, de gozo imóvel “que permanece nos limbos de uma espera sem esperanças”.

O filicídio e o parricídio têm como núcleo traumático aquilo que deixa a sua marca na constituição subjetiva a partir das pulsões do outro. É assim também, como diz Andre Green (1984), que o objeto “revela”, embora não acredite, a pulsão de morte. O extremo desinvestimento, lido no “código do filicídio”, libera a destrutividade própria da pulsão de morte. O narcisismo negativo, expressão de uma função desobjetalizante, não se contentaria com se dirigir à criança, mas também em nível mais radical, aos seus processos de objetalização e simbolização.

Todos os trabalhos que se entrelaçam neste livro situam o filicídio no psíquico, e edificam a sua expressão em diferentes lugares da cultura (o filicídio na arte, em Dostoiévski e o parricídio, no problema da adição como uma expressão desse filicídio sobre os mais jovens). O filicídio em análise, a importância da re-análise do analista para poder enfrentar esse empuxo narcisista que poderia incitá-lo a “devorar” os seus pacientes tornando-os “a sua imagem e semelhança”. O que dizer da importância que essa questão adquire na formação analítica, na qual mesmo a adscrição a esquemas referenciais teóricos poderia responder à “apropriação” do sujeito por parte de um *Eu ideal*, que responderia mais ao ser identificado pelo seu analista que a um *Ideal do eu* que o torna dono das suas ideias.

Essas ideias, no limite entre a ignorância e o saber, foram as que determinaram os autores a escrever (como bem dizem,

citando Deleuze). Apenas depois que o saber “cai” da sua altura totalitária, a incerteza e a vocação de interrogação anunciam novas aberturas.

É por isso que me somo ao interesse dos autores, e por destacar a importância da questão do filicídio como produto de uma intersubjetividade humana carregada de desejos amorosos e desejos tanáticos. Meus parabéns por terem produzido esta obra, e meu agradecimento novamente a Giovana e a Ignácio pelo convite para acompanhá-los, junto aos demais autores, neste percurso.

Referências

- APA – ASOCIACIÓN PSICOANALÍTICA ARGENTINA. *Diccionario de Psicoanálisis Argentino*. v. I, A-J. Buenos Aires: Editorial Antigua, 2015.
- GREEN, A. et. al. *La pulsión de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- LECLAIRE, S. *Matan a un niño*. Ensayo sobre el narcisismo primario y la pulsión de muerte. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- MARUCCO, N. *Cura analítica y transferencia: de la represión a la desmentida*. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- RASCOVSKY, A. *El filicidio*. Buenos Aires: Orión, 1973.